

EM LOUVOR AO ALMIRANTE TAMANDARÉ,  
PATRONO DA MARINHA DE GUERRA  
DO BRASIL (\*).

---

*EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO*  
Sócio Correspondente da Sociedade de Estudos Históricos.

13 de dezembro, dia de Santa Luzia, é uma data predestinada nos fastos da História Pátria. No ano de 1519, nesse dia, tocava no Brasil, de passagem pela baía do Rio de Janeiro, Fernão de Magalhães, o imortal nauta português, então a serviço dos reis de Castela, incumbido de encontrar o caminho marítimo do Oriente pelo sul da América, tarefa de que se desincumbiu galhardamente, descobrindo em 1520 a passagem existente entre a Terra do Fogo e a Patagônia, a comunicar as águas dos dois maiores oceanos, Atlântico e Pacífico.

A 13 de dezembro de 1807, quase três séculos depois, vinha ao mundo, modestamente, num povoado humilde, chamado São José do Norte, situado junto à Barra do Rio Grande, à direita de quem penetra na Lagoa dos Patos, um menino, cuja vida iria transcorrer durante quase todo o século XIX, cheia de lances admiráveis, a confirmar-lhe o título que o Almirante Cochrane lhe profetizou, ao justificar, perante o Imperador do Brasil, Pedro I, o pedido de ingresso dêle como oficial subalterno da Armada Imperial: "Magestade, êle será o Nelson brasileiro".

Joaquim Marques Lisboa, a criança simples acima referida, filha de um capitão-de-milícias comissionado no posto de segundo-tenente honorário da Marinha Real de Portugal, a fim de exercer as funções de patrão-mor da Barra do Rio Grande (uma espécie de administrador do porto, equivalente às funções dos atuais capitães-dos-portos), Joaquim Marques Lisboa, repito, crescera à beira-mar, apreciando o movimento das embarcações à vela e das mais simples a remos, que demandavam aquêlê ancoradouro, sob a direção do seu

---

(\*) . — Palavras pronunciadas pelo Dr. Edgard de Cerqueira Falcão, ao receber a Comenda do Mérito Naval, diante da estátua de Tamandaré, em Santos, no dia 13 de dezembro de 1967 (*Nota da Redação*).

pai. Tornou-se um exímio nadador, adquirindo compleição atlética e uma saúde de ferro, com o destino traçado para a carreira do mar.

Adolescente era ainda, quando os acontecimentos políticos encabeçados pelo insigne santista José Bonifácio se precipitaram, desencadeando a guerra de secessão de Portugal. O rapazelho de pouco mais de 15 anos, empolgado pelos ideais da revolução separatista, procurou então o capitão John Taylor, comandante da famosa fragata “Niterói” e pediu-lhe para alistar-se como voluntário, sem sôlido, apenas com direito à ração. Taylor impressionou-se com o porte dêle, interrogou-o e acabou por engajá-lo na tripulação da nave, como praticante de piloto.

Integrante da esquadra criada às pressas por José Bonifácio e confiada à direcção suprema de Lord Cochrane (já experimentado em campanhas semelhantes na América do Sul), com a missão de atacar a esquadra lusa defensora da Bahia, ainda em poder da metrópole d'além-mar, a fragata “Niterói” atrasou-se em deixar o pôrto do Rio de Janeiro e só conseguiu alcançar o grosso da frota em águas bahianas. O que foi o encôntro das duas esquadras, a brasileira muito inferior em número de navios e bôcas de fogo, representa um dos mais lídimos padrões de glória de nossa Pátria. Cochrane, seguindo a tática de Nelson, de quem fôra discípulo, aproveitando-se, com arrôjo e audácia incríveis, de uma tentativa de envolvimento pela esquadra contrária, dividida para semelhante manobra em duas colunas, avançou violentamente pelo centro e, voltando-se para as unidades da retaguarda, acometeu, barco após barco, os inimigos, destroçando o poder naval português, que acabou por se retirar, abrigando-se no pôrto da Bahia. A 2 de julho de 1823, abandonou a frota portuguesa a primitiva capital do Brasil, conduzindo o grosso da tropa do General Madeira, de regresso a Portugal. Destacada a fragata “Niterói” para perseguir os fugitivos, segue-lhes no encalço e consegue realizar a proeza inacreditável de aprisionar, sucessivamente, dezesseis navios portugueses que se desgarraram, desarmando-os e pondo-os fora de combate. De volta ao Brasil, depois de tão brilhante perseguição ao inimigo, quase se perde a “Niterói”, envolvida por tremendo temporal, mas consegue safar-se e arribar em pôrto brasileiro.

Marques Lisboa, ao lado de Taylor, mostrou-se de um valor extraordinário. Com brilhante fôlha de serviços foi apresentado ao almirante chefe. E, daí por diante, sua carreira como oficial de marinha ascendeu aos mais altos postos.

Múltiplas façanhas, dignas dos mais expertos lobos-do-mar, foram por êle praticadas. Citarei uma apenas para demonstrar as qualidades de marinheiro destemido. A missão do comandante Sheperd, nos mares argentinos, de que fazia parte Marques Lisboa comandando

a escuna “Constança”, cai numa cilada e tôda a frota brasileira é aprisionada. Transferem os prisioneiros para bordo do brigue argentino “Ana”: os imperiais marinheiros trancados nos porões e os oficiais presos no convés. Aproveitando a calada da noite e a pouca vigilância dos argentinos, consegue Marques Lisboa promover um levante dos prisioneiros brasileiros que triunfa rapidamente, invertendo-se os papéis: os argentinos vão para os porões e os brasileiros manobram o navio, sob as ordens de Marques Lisboa, prosseguindo a marcha dêle como se nada houvesse. Sem que os navios argentinos comboiantes do “Ana” se apercebessem da reviravolta, Marques Lisboa, em dado momento propício, ordena o desvio da rota e, só então, tomaram ciência os platinos do que ocorrera. Era tarde. Lisboa consegue conduzir o brigue, são e salvo, até o pôrto brasileiro de Montevidéu (o Uruguai naquela data, alturas de 1827, era ainda a província cisplatina brasileira). Marques Lisboa não tinha ainda 20 anos quando praticou tão arrojada façanha.

Para combater as diferentes rebeliões estouradas no Norte do país, foi sempre destacado Marques Lisboa e coroadas de êxito tais missões. Cabanada, Balaiada e Rebelião Praieira são marcos de glória da carreira militar do antigo comandado de John Taylor.

Em 1859, já com o pôsto de vice-almirante, a comandar a esquadra que conduziu o Imperador Pedro II em visita às províncias do Norte, resolveu Marques Lisboa trasladar para o Rio piedosamente os restos mortais do seu irmão, morto em combate contra os legalistas na campanha da Confederação do Equador, em 1824. Pede, então, permissão a Pedro II para uma estadia breve no pôrto de Tamandaré, em Pernambuco, onde se achava sepultado o seu saudoso irmão. Pedro II, ciente do heroísmo do finado, não só o atende, mas ordena que se prestem grandes honras militares, com salvas de canhão, ao penetrarem a bordo os despojos do bravo defensor da liberdade, embora em campo adversário. Mais tarde, quando Paes Barreto propunha o nome de uma cidade gaúcha para galardoar o título nobiliárquico a ser outorgado a Marques Lisboa, Pedro II, recordando-se da cena comovedora, preferiu nomeá-lo Barão de Tamandaré, que alcançou por último o grau de Marquês, em sucessivas promoções dentro da nobreza brasileira. Tamandaré evoca, pois, uma tradição republicana, a comprovar mais um gesto magnânimo de Pedro II.

### *Tamandaré e Barroso.*

Êstes dois nomes gloriosos, dados atualmente às duas mais poderosas belonaves da Marinha do Brasil lembram os dois marinheiros

que mais fundo trabalharam pela grandeza da Pátria, praticando ações que nos encham de orgulho.

Pois bem, senhores! Barroso, em dado momento, foi salvo de morte pela coragem e vigor de Tamandaré. Estavam ambos a serviço no Norte do Brasil, quando resolveram vencer a nado a impetuosa corrente do Tocantins, a fim de inspeccionarem certa ilhota no meio do rio. Em dado momento, Barroso perdeu as forças e estava a afogar-se, quando Tamandaré (na ocasião ainda apenas Marques Lisboa) tomou-o sôbre os ombros e nadou vigorosamente, conduzindo-o salvo até o navio donde haviam partido.

O futuro herói da batalha de Riachuelo costumava dizer, gracejando: “Devo a minha vida em primeiro lugar a meus pais, e, em segundo lugar, ao Lisboinha”.

Tamandaré era severo e brando ao mesmo tempo. Severo, exigindo que o cumprimento do dever para com a Pátria fôsse absoluto. Não permitia o mínimo deslize em matéria de disciplina militar. Vencedor em múltiplos ocasiões, sempre se mostrava generoso para com os vencidos. Nunca humilhava os que se lhe rendiam no campo de batalha.

Um título de glória a mais de Tamandaré diz respeito aos diversos salvamentos de vidas que praticou no mar, com risco da sua própria, em diferentes oportunidades.

Por ocasião da viagem a Liverpool, quando foi buscar o primeiro barco a vapor construído para a esquadra brasileira, o “D. Afonso”, teve ensejo de praticar inconcebível ato de heroísmo, salvando mais de duzentas pessoas de bordo de um navio em chamas, o “Ocean Monarch”.

Senhores! Muitas laudas seriam necessárias para poder-se recordar, em pormenores, a vida de Tamandaré.

O que acaba de ser dito representa apenas rápido bosquejo a projectar um pouco de luz sôbre algumas facetas do insigne “Nelson Brasileiro”.